

24, performance-manifesto

Elilson

Prelúdio

Este desdobramento, que agora se encontra com as suas retinas pelas telas de um aparelho eletrônico ou via papel impresso, integra o acervo de trabalhos do Museu de Arte de Goiânia. Trata-se de um conjunto – em texto e imagens – de “**24, performance-manifesto**”, ação que integrou a exposição **Sala Compacta**. No início da tarde do dia 24 de junho de 2021, as cenas que se seguem foram vocalizadas num encontro que reuniu pessoas situadas por diferentes fusos horários em casas e locais de trabalho localizados em Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Toulouse. Agradeço a cada uma e a cada um que gerou este trabalho, da equipe da exposição às presentes no ato, sem deixar de mencionar os encontros nas ruas. Agradeço também a você, pela disponibilidade de fazer *aqui e agora* com essas palavras. Dito isto, gostaria de pedir que, enquanto lê, você esteja com algum lençol ao alcance das mãos, da vista e da escuta.

Cena O

Agradeço a oportunidade de fazermos coletivo através das escutas. As horas, as temperaturas e os sons se diferenciam, mas se espelham nas cidades de onde nos miramos através dessas telas. Aqui, onde estou, são 14 horas e faz um sol ameno. Centenas de carros passam sem parar nas curvas de um viaduto quase na altura das minhas pálpebras, e centenas de pessoas passam sem parar embaixo do mesmo. Cinco andares abaixo de onde estou, em uma das quinas do viaduto há uma pichação quase sumindo que diz: “Esta cidade acabou e quase ninguém viu”. De que corpos falamos quando mencionamos cidade? Que corpos são revestidos, salientados e apagados quando pronunciamos CI-DA-DE? Que posição o meu corpo ocupa ao perpassar a palavra cidade? “24, performance-manifesto” é um convite a caminharmos pelas ruas e por dentro do corpo, onde igualmente geografia se faz. No meio do vaivém, estamos olhando juntas/juntas/juntos, isto é, reparando, o quanto expressões populares e discursos de ódio compartilham de uma semelhante vitalidade linguística. Como ouvimos por aí, a língua também é um instrumento de aniquilação. Todos os dias, mata-se pela boca, morre-se pelos ouvidos. Números e palavras também são tecnologias para matar incessantemente

certos corpos. E é com os todos os sons, cheiros, miradas, arrepios, densidades, pesos, volumes, gostos, resíduos e memórias que compõem nossas presenças, e com o emaranhado de racismos, trans-homo-lesbo-bifobias, misoginias e xenofobias que linguisticamente preenche nossos recintos e redores, que as palavras “manifesto” e “performance” aparecem aglomeradas para nos perguntar: Quando corpos e corpas seguem sucumbindo em meio a gracejos descompromissados com a vida e com a morte, em meio a ditos e expressões que perfuram os séculos e vão se fincando como um nada desprezioso humor, que lugar ocupamos diariamente na reinvenção da língua?

Clamando licença aos nossos mortos e vivos, aqueles que nos acompanham à beira dos ombros, constituindo mais diretamente o que e quem somos; e aquelas e aqueles cujo sangue está petrificado tanto nas placas e estátuas que prestam tributos a faciôras quanto nos chãos que pisamos e atropelamos sem titubear. Conscientes das léguas de línguas que temos a desobstruir, transpassar, ruir, compor e refazer, caminhamos sabendo que: **1.** Corpo e cidade são sinônimos que só mudam de escala; **2.** Em movimento nas ruas, fingimos cada vez menos que andamos sem notar que até o direito ao luto se distribui desigualmente; **3.** A cada pisada no chão, traçamos o risco de homogeneizar tantos corpos com palavras e números e, dessa forma, rematá-los incessantemente com o cinismo de quem ignora que o fato não é que os mortos não falem, mas que os mortos não falhem, e que um dia, seguramente, todo sangue vai jorrar em erupção dos recônditos tectônicos dos asfaltos. Falando em números, nos habituamos a contar por horas e até por minutos as quantidades de mortos, a maioria absoluta corpos massificados: sem nome, sem rosto, sem luto coletivizado. Aqui, de modo particular, nos voltaremos aos números 24, 108 e 41.

Cena – 24

Estamos nos arredores de Vila Isabel, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O ano é 1890. Há poucas semanas, debaixo desse sol escaldante e dessa brisa que balança as árvores a perder de vista, estamos eufóricos com o mais recente invento agregador do início das tardes: o jogo do bicho. E é aqui, na fila dessa calçada, que um homem branco associa pela primeira vez o animal da tabela 24 àquele rapaz que passa na calçada oposta se esforçando para ocultar seu gingado com a simetria masculinizadora dos gestos. Consentindo o gracejo com os dentes ou sendo coniventes em silêncio, não conseguimos calcular que acabamos de gerar uma violência plurissecular. Tarde após

tarde, os veados são associados aos *transviados* que levam curram pelas ruas. Mas a obviedade intrínseca à discriminação é discursiva para além de fonética: vinte e quatro, *vim de quatro*. Uma dentre nós certamente desejou, ali, que um dia se cumpra o dever sobrevivente de aniquilar a misoginia desde a enunciação, e que uma ferramenta para isso seria estampar o número 24 em todas as instâncias. Por hora, 130 anos depois, não assusta que até pouco tempo o Congresso Nacional não tivesse o gabinete de número 24 ocupado; ou que um vereador tenha entrado nos noticiários ao se recusar votar uma lei por ocupar a posição 24 na chamada de parlamentares; ou que ainda a forma mais cômoda para viajar em ônibus interurbanos seja reservar os assentos 23 ou 25, já que a cadeira 24 vai quase sempre vazia... E nem vamos perder tempo mencionando a inexistente camisa 24 no futebol!.

Cena 41

Agora, estamos em 1901, no Centro da Cidade do México, mais precisamente na Rua La Paz. É madrugada e somos acordados pelas sirenes das viaturas de polícia e pelas vozes igualmente estridentes dos policiais. 41 homens são retirados de um baile privado. 21 deles estão trajando roupas marcadas socialmente como femininas. Os que estão de smoking são notificados e levados a depor. Os que estão de saias e vestidos são colocados em fila indiana sob cassetetes e xingamentos. Mesmo que não haja qualquer lei que proíba bailes dominicais em residências privadas; ou homens de usarem vestidos, atendemos à ordem policial de zombar e trazer nossas vassouras para que “los maricones del baile” – as maricas da festa – varram as ruas e desfilem com seus trajes. Postes se acendem ao longo da avenida e os jornalistas chegaram para completar a antifarra. Às 12h, quando a última rua é varrida, os mais pobres dentre aqueles homens não são liberados, mas obrigados a servir ao exército e compor, sem qualquer treinamento, a linha de frente das batalhas nos limites territoriais do país. Hoje, 120 mais tarde, um entre nós que tem gravados na memória os olhos de um desses homens esbugalhando um pedido de socorro sem voz, vez ou outra sente um arrepio na nuca ao ouvir uma travesti ou um gay sendo chamado de 41. E daí olha para trás, tentando enxergar, sem sucesso, onde foram parar aqueles corpos.

¹ Estamos em junho de 2021. Poucos dias após a vocalização deste texto, inúmeros veículos de mídia alternativa e de mídia *oficial* questionavam a inexistência da camisa 24 na seleção brasileira, retomando as origens históricas da fragilidade cisheteromasculina. E não é que, dias depois, alguns times de futebol adotaram a camisa 24 pela primeira vez? Por hora, você saberia me responder se o gesto perdurou em ação? Ou foi uma guinada restrita ao mês reservado para pautar as lutas do movimento LGBTQIA+?

Cena IO8

Agora estamos em Assunção, no Paraguai. É setembro de 1959. Um locutor de rádio, homossexual, amanheceu carbonizado. A ditadura e os jornais concluíram que foi um crime passional e espalham que há seitas violentas e amorosas entre homens. Recebemos panfletos do governo com os dizeres: "contribua com o saneamento moral da cidade". As listas vão sendo criadas e espalhadas. Nossos vizinhos, professores, parentes ou mesmo transeuntes desconhecidos. Qualquer um que seja identificado como homem de conduta sexual e comportamento moral duvidoso é catalogado. Ao fim do mês, sabemos que o número de presos é IO8. Rapidamente, o número vira ridicularização daquelas e daqueles que chamávamos anteriormente de *maricones*. Agora já é 1985, se passaram quase 30 anos, e nas casas mais próximas às delegacias, pais e mães seguem colocando no último volume guarânias e boleros para abafar do jantar das crianças os gritos de homossexuais e travestis que tem garrafas de vidro enfiadas no cu. Hoje, a ditadura acabou, mas seguimos proibidos, por lei, de utilizar o número IO8 em placas de carros, fachadas de casa e letreiros de ônibus. Porém, os xingamentos se fincaram nas ruas, assim como a bravura do movimento TLGBI paraguaio, que pixa e grita: SOMOS MÁS QUE CIENTO OCHO!

Cena 2021

Onde você estava na noite do último 4 de junho de 2021? Onde eu estava naquela noite daquele 4 de junho? No Brasil, mais precisamente em Porto Franco, Maranhão, no mesmo momento em que seguíamos nossa vida, faz 20 dias que Luís Carlos Sousa de Almeida, 19 anos, tirou as roupas na sala de casa e, falando coisas incompreensíveis e inaudíveis, peregrinou nu por 2 km pelas vias mais movimentadas da cidade. Centenas de pessoas parecidas com as que vemos através de nossas janelas e até à frente de nossos olhos, aqui e aí em nossas salas, encontraram naquele corpo um regozijo absoluto para pôr para fora, sem rodeios ou vacilações, todo seu racismo e homofobia. Houve um grupo de 24 pessoas que jogou os sanduíches pela metade à mesa e interrompeu as cervejas da confraternização para se amontoar na calçada e transmitir ao vivo com os celulares a passagem daquele corpo. Outras dezenas o seguiram pelas ruas, celulares em riste e gritos de VIADO MALUCO em sucessão. Até uma viatura de polícia o escoltou por boa parte do caminho, mas nenhum policial cumpriu o dever profissional de interceptar, interromper e socorrer. Gargalhadas, gritos, uivos, peregrinação, procissão e escolta. Mas

nenhuma interferência coube em centenas de pessoas. Ao vê-lo pular a cancela de acesso ao Rio Tocantins, um segurança jogou a lanterna sobre o corpo de Luís. “Vai, bicha louca!” foi o ultimato para que morresse entre correntezas, pedras e lamaçais.

E no dia 5 de junho, onde estávamos? Como conseguimos continuar? Aliás, nunca paramos de continuar a caminhar no país em que o desinteresse pela vida e pela morte andam unidos, em convivência ensurdecadora, como projeto de governo. Por isso, os carros continuam rolando pelo asfalto, mesmo quando uma mulher está sendo arrastada viva por uma viatura; os trens prosseguem, mesmo quando outros três passaram por cima de um trabalhador, rasgando suas costas e seu saco de balas; as cangas, os sorvetes, o sol e as risadas não se abalam numa praia do Sul, mesmo com um nordestino esfaqueado quarando por duas horas à espera do IML; o metrô continua seu serviço mesmo quando um Senhor é espancado até a morte por salvar uma travesti do calvário; as pessoas continuam suas compras, mesmo quando um funcionário do mercado infarta na catalogação dos produtos e caixas de cerveja são improvisadas como barreira de isolamento; os dias continuam úteis mesmo com corpos em extermínio constante debaixo de lama, até agora; as cidades não se obrigam a parar e a dar, pelo menos, dois passos para trás nem quando um estudante, com o uniforme da escola, é executado à queima roupa pela polícia; ou quando uma mulher branca segue ilesa e tranquila depois de abandonar uma criança negra de 5 anos num elevador para morrer ao próprio desterro do vento. Continuamos, nós, pátria de amortecidos, sendo esvaziados cada vez mais da dimensão do luto, incapacilizados de frear até diante de meio milhão de cadáveres, assim, de uma só vez.

Cena 24

Neste momento de nossa caminhada, peço licença para voltarmos às ruas do Rio de Janeiro e para contar aqui, aos pés de seus ouvidos e à beira de vossos lençóis, as tantas vezes que encontrei Fábio, 24, meus irmãos. 24 foi a idade que transmutei a medida em ano do corpo em rito de passagem: ao longo de 2016, durante os meus 24 anos, encontrei – aleatoriamente nas ruas ou em situações combinadas por amigos em comum – homens chamados Fábio. O principal requisito era não conhecer ou ter qualquer ligação com todos eles. Com o pretexto de ter uma “conversa em público sobre irmãos”, partilhei minha relação com Fábio, meu irmão mais velho, filho do meu pai, homossexual como eu e suicidado aos 24 anos. No ano em que eu ficaria mais velho que meu irmão mais

velho, em que passaria da idade cujo número é comumente associado à imagem do “veado” e à condição de ser “viado”, quis reencontrá-lo nas ruas a partir de outros homens, de tantas as idades, para finalmente apre(e)nder, de corpo, que esta prática de vida não era sobre mim ou sobre ele, mas sobre nós. Prática de vida inclusive para entender como se prolongaria não somente em mim, mas aqui, nessas ruas onde cruzamos sem parar – das palavras que balbucio às solas que atritam e deslizam no chão para me fazer caminhar –, a vida daquele que, ainda na primeira infância, fui habituado a nomear como “franguinho bastardo” (saiba que *frango* é uma variação de ódio, em Recife, para o correlato *viado*).

Nos encontros, as conversas sobre irmandade, distâncias e suicídio escreviam a invenção de um comum biográfico entre mim e aqueles homens, cuja maioria confidenciou segredos familiares em encontros que não passavam de 24 minutos. Encontros acompanhados por um lençol azul claro, que ao término era sacudido por segundos, talvez 24, cerca de 24, por mim e por ele(s).

Vivendo um quarto dos meus 24 anos², virei um dia de março em jejum à espera de um concerto de Elza Soares com participação de Caetano Veloso. Extasiado após o show, tonto de fome e de alumbamento, joguei uma caipirinha de kiwi no estômago e perambulei pelo bairro da Lapa, no Centro do Rio de Janeiro. Passei por duzentas pessoas, esbarrando em mais de vinte até encontrar a escadaria Selaron e me sentar em um de seus degraus. Perto, um ou dois batentes acima, estavam três rapazes às gargalhadas fumando maconha. Conversavam sobre praia, casamento e comentavam sem pudores sobre a bunda de uma ou outra garota que subia ou descia as escadas. O rapaz do meio contou aos amigos como estava o seu filho, Caetano, o que me fez mirá-lo instantaneamente. Seu sorriso veio da mão esquerda oferecendo o baseado. Algo me inclinou a aceitar. Após perguntar como eu me chamava, de onde eu era, de onde eu vinha e para onde eu iria naquela noite, finalmente se apresentou: Fábio. Um de seus amigos foi embora em poucos segundos e continuamos os três fumando, bebendo, sorrindo e perambulando. Ao término da noite, sentados no meio-fio, depois de rirmos da sucessão de bêbados e falarmos sobre bicicleta, infância e arranhões, contei que ele era homônimo ao irmão que tive. Ali, com as duas palmas das mãos encostadas no chão, dei

² Este relato dos encontros com os homens de nome Fábio é uma versão do original presente na publicação “24, vi-vos”, que foi editada na série “Tabloide” da **Plataforma Par(ent)esis**, coordenada pelas editoras Regina Melim e Gabi Bresola. Você pode acessar a publicação em: <http://www.plataformaparentesis.com/site/tabloide/files/elilson.pdf>

por mim que eu estava com a mesma e fatídica idade, e que foi o meu irmão minha primeira referência homossexual. A primeira referência do que não ser, mas que invariavelmente sou. “Você também é gay?”, Fábio quis saber com todas as letras. Ao meu sim, seu amigo se afastou com um riso de repugnância, alertando sobre a hora. Entendi que vou encontrar muitos Fábio, você é o primeiro. Ele esticou a mão e tocou na minha nuca, de modo semelhante a como meu pai me segurava para não me perder nas ruas lotadas em dias de comprar material escolar. Nossos olhos sincronizaram água, mas seu amigo o puxou sem direito a tchau: “já deu, né, vai ficar de papinho com viado agora?!”.

Meses depois, após tentativas delicadas de mexer com as matérias e memórias deste trabalho, e sobretudo após entender que lençol não haveria mais de ser força, mas sempre fluxo, Miro, meu amigo, perguntou se eu não queria caminhar após uma aula da Praia Vermelha até o Flamengo, para conversar e jantar. Falamos e jantamos até 2 da manhã, quando, na despedida, com a mão já empurrando a porta, ele disse: “Vai pela sombra, mas atento ao que a rua diz”. Entrei no elevador e escolhi que aquilo era um sinal para ir caminhando até o Centro, apesar da madrugada, do medo e do cansaço. No bairro do Catete, antes da metade do caminho, um rapaz estava parado numa calçada deserta com o celular em mãos. Trocamos olhares de flerte. Ao meu boa noite, sua apresentação: Fábio. Soltei uma sílaba de risada, balancei a cabeça, mordi os lábios e arregalei levemente os olhos. Ele foi objetivo: perguntou nome, idade e se eu não queria subir para conversar e cheirar o pó que acabara de comprar. Agradei e disse que precisava seguir, que encontrá-lo assim, no meio da noite, já não ia me deixar dormir. Ele estendeu a mão com cara de estranhamento e a apertei sem disfarçar que admirava sua sobrancelha bem desenhada. “Eu trabalho com estética”, disse em tom de explicação. “Eu acho que eu também”, respondi já andando.

Em agosto, após meses de hesitações, tornou-se inadiável: em dezembro eu completaria 25 e precisava, então, sair pelas ruas à procura dos Fábio. Pesquisando um dia preços de um produto, saí da primeira loja e li o verso do cartão com a caligrafia do vendedor: “Fábio – 9:00 hs às 17:00s”. Voltei e comprei com ele mesmo, e perguntei se não poderia me encontrar um dia depois das 17h. Aqui mesmo perto do trabalho, ou vou andando com você em direção à Central do Brasil. É coisa rápida, eu garanto. É um trabalho artístico sobre irmãos. “Mas tem que tirar foto, desenhar, essas coisas?!”. Fica tranquilo, é mais conversa do que arte, um papo no meio da rua sobre irmãos. Com a ausência de respostas ao meu e-mail, voltei à loja para combinar um dia. “Amanhã, fechado”. No intervalo de uma aula, pedi que Lorena, minha amiga, saísse mais cedo

comigo para chegarmos às 17h em ponto. Fábio, no entanto, tinha ido embora mais cedo. Começamos a procurar algum Fábio nos estandes de venda do camelódromo carioca. Lorena, mesmo sem saber do que se tratava, prontamente saiu perguntando e chamando por Fábio junto comigo, até que, sorrindo, me apontou a porta de correr de uma loja muito, muito pequena: “Fábio Cell - orçamento sem preconceito”, estampava o adesivo cor de rosa. Entramos. O balcão de atendimento separava Fábio e um funcionário de seis homens que dividiam o espaço. O tópico da conversa, pelas últimas frases, era buceta. Olhei para minha amiga, querendo entender se tudo bem continuarmos ali. Perguntei a Fábio se ele tinha irmãos. “Dois, são menores. Mas eles estão lá na minha cidade, Escada, que fica em Pernambuco.”. Eu também sou pernambucano, Fábio, mas de Recife. Contou que estava no Rio há quase sete anos e que essa era a quantidade de tempo sem ver os irmãos. Aprendi, pelos olhos dele, que numa conversa entre desconhecidos é pela geografia que se chega nos afetos. Quando partilhei uma carta sobre meu irmão, todos se mantiveram dentro da loja e em silêncio. Ao término, o funcionário averiguou: “Você tá fazendo isso aqui em homenagem ao seu irmão. Ele escolheu morrer, não foi? E ele tinha tendências homossexuais, é isso?!”. Não, ele não tinha tendências, ele era homossexual, assim como eu também sou. O silêncio durou até ele me presentear com uma versão em folheto do evangelho kardecista, contando a leitura que a religião faz sobre o suicídio. Guardei o regalo, mas expressei que prefiro caminhar sem ter fé em condenações. Fábio levantou o balcão e posou para uma foto. Todos aqueles homens me cumprimentaram, alguns com aquele tapinha de camaradas no ombro, prototípico da masculinidade futebolística. O mais velho entre eles disse: “Vou conversar sobre isso com meus filhos em casa. Alguém morrer por ser do jeito que é, nunca deveria acontecer”. Quando saí da loja e a porta de correr foi fechada, olhei para o adesivo no vidro e o amontado de homens por trás dele, e vi o meu irmão sorrindo. Lorena dividiu: “Bicha, eu não imaginava que se tratava disso. Sempre tentaram me proteger da história do suicídio, mas hoje sei que foi o patriarcado quem matou a minha avó”. Eu penso que ao meu irmão também.

Naquela mesma semana, amigos e colegas começavam a me inserir numa rede com seus conhecidos de nome Fábio. Meu segundo irmão, também mais velho que eu, também homossexual como nós, passava uns dias comigo e fomos juntos com amigos aos bares da Lapa. Em uma das calçadas mais cheias da noite, me encontrei com Fábio, que me contou, de cara, sobre a morte de seu irmão. Depois lembrou de algo que falou com o filho naquela manhã e apontou para o seu namorado, que há poucos metros sorria ao nos ver montar uma foto transmutando um lençol azul em manto e depois chacoalhando-o

entre carros, motos e tanta gente. Um garoto que estava no mesmo depósito de bebidas e observava a ação me chamou: “Ei, é você que anda procurando por Fábio para uma performance, não é?! Prazer, eu sou um deles!”. Contou do dia a dia com seu irmão gêmeo, artista cênico como ele. “Eu e ele escolhemos carregar e expressar o masculino, o feminino e muito mais do que isso em nossos corpos. A vida sabe por que nascemos juntos”. Para nossa foto, decidi que o lençol seria um vestido e que deveríamos encarar o celular com altivez.

Semanas depois, recebi um áudio de minha amiga Ana: “Eli, você não vai acreditar, mas uma paciente minha aqui da Mangueira acabou de dar à luz. É um Fábio! O pai também se chama Fábio! Deixa passar o resguardo e coloco vocês em contato”. No dia combinado com Jeanne, saí do metrô e peguei o mototáxi até a região do Buraco Quente, onde ela generosamente me aguardava na sala de casa com Fabinho e os outros três filhos. “Fica aqui no sofá à vontade. Meu marido é mais na dele, foi trabalhar e desistiu de conversar com você. Mas eu tô aqui”. Não tenho nem como agradecer! Prometo que vai ser rápido. É só o tempo de lermos essa folha e de conversarmos o quê e o quanto quisermos, mas sem atrapalhar a tua hora. “Não tá atrapalhando nada, a minha hora é o tempo de casa, está tudo certo”, disse ela, confiando Fabinho ao meu colo, que estava forrado com o lençol azul. Fiquei alguns segundos emudecido, de olhos fixos naquele menino dormindo e respirando em meus braços, mexendo despretensiosamente os lábios e as sobrancelhas. “Os nervos dos bebês ficam assim quando eles estão sonhando”, me ensinou sua mãe. Uma das crianças segurou o texto para que eu lesse sem precisar tirar o irmão dos braços. Ao término, enquanto as crianças sorriam encabuladas, eu e a mãe passeamos os olhos pela casa. “Na vida da gente acontece o que a gente nem imagina, não é?”. Os filhos me ajudaram a sacudir o lençol, o que virou folia, com direito a grãos de pipoca flutuando pela sala.

Uma semana depois, o encontro se repetiu em um ambiente fechado, desta vez um escritório de produção por dentro de Botafogo. “Não vou mesmo conseguir ir aí na rua. Prejudica seu trabalho se você der um pulo aqui?”, me telefonou Fábio. Quando cheguei, bebemos água e proseamos sobre os cartazes de cinema que ocupavam os dois andares. Confidentes por 24 minutos, ouvi um dos maiores segredos de sua família, pedi conselhos e partilhei sonhos. “Mas, me diz uma coisa, qual você acha que é a principal motivação para sair nas ruas e fazer esse trabalho?”. Talvez ele me ajude a transformar uma história pesada... “Não ouse resumir a vida de seu irmão com a palavra peso. Eu te garanto que ele viveu coisas incríveis que você nem imagina. Uma cicatriz de quando se empolgou na

bebida. Teve um show maravilhoso que ele viu com uma amiga. Um tempero que ele colocava na comida só pelo cheiro... Seu irmão viveu uma vida. Uma vida é uma vida". E pesadas mesmo são as nossas palavras.

Dias depois, também no bairro de Botafogo, conferi no mapa a localização exata do encontro e me sentei no canteiro de uma árvore, do outro lado de um cemitério. Quando chegou, Fábio contou da chamada de vídeo com amigos de sua cidade, Belém, que se prolongou mais que o programado. "Eu quase escrevi que não vinha, pois não tenho irmãos, não sei como posso contribuir com seu trabalho". Mas o único critério é ser Fábio! Decidiu que todo o nosso encontro seria debaixo daquele lençol, transformado numa cabaninha em via pública. Algo o fez se lembrar de seu amigo da faculdade, o primeiro amigo homem que teve na vida, um policial militar que o defendia e o estimulava a se vestir como gosta. Em alguns instantes, homens se aproximavam do nosso refúgio público, mas nem as buzinas, as risadas, a palavra "viado!" cuspidas com todo gosto ou mesmo o vento moveram aquele lençol.

Posteriormente, me encontrei com Fábio no chafariz do Largo do Machado. Com um dos braços imobilizados, ele lamentou como os dias estavam difíceis sem tocar seus instrumentos percussivos. Encostou as sacolas de verdura perto de nossas pernas e me falou um pouco sobre sua irmã, que morava em outra cidade. Aproveitei e falei um pouco sobre a minha, também distante, lá na minha cidade. Olhando para a frente, vendo o floriculturista negociando, os guardas multando, as crianças cheirando cola, os taxistas conversando, os ambulantes oferecendo excursões para o Cristo Redentor, os idosos se exercitando e o vaivém do metrô, concordamos que não paramos na vida para perceber que deve ser difícil ser irmã. De pé, colocou a tipoia e me ajudou a sacudir o lençol segurando-o com uma das mãos e com os dentes, enquanto crianças passavam por baixo e adultos reclamavam da obstrução.

Na última semana dos meus 24, encontrei mais três Fábio. Saí para encontrar o primeiro às 12h, seu horário de almoço. Já no saguão de passagem entre os prédios da Prefeitura, Fábio passou algumas vezes por mim inquietado. Ei, Fábio?! "Sim", disse ele, virando o crachá. "Imaginei que era você por conta desse pano azul". Quando terminei a leitura, ele disse: "Que coisa! André, nosso amigo que te deu meu contato, não sabe de nada da minha vida, então não teria como adivinhar...". O quê? "Agora vamos ter que conversar não sobre seu irmão, mas sobre meus tios que se mataram". Por fim, Fábio decidiu que nos deitaríamos no chão da Prefeitura, colocando somente nossas cabeças

para fora do lençol. Foi uma guarda municipal que generosamente registrou nossa brecha de infância.

No dia seguinte, encontrei Fábio no intervalo do ensaio de seu novo número de circo. Conversamos sobre ônibus, mapas, danças e irmãos. Para a foto, se acoplou ao meu tronco e pediu que uma amiga nos ajudasse com o lençol, que deveria ser um manto e também cobrir meu ventre: “É como se você estivesse grávido de mim”, ele dirigiu. Quando terminamos de sacudir o lençol, uma revoada de folhas aconteceu no pátio externo, e um bradar de metais nos telhados vizinhos, com um vento inesperado uivando pela rua um anúncio de chuva. “Entendeu? Agora vai lá e continua esse trabalho, que talvez te acompanhe em muitas idades”. Dando dois tapinhas na minha nuca, voltou rapidamente para a sala de ensaio. Antes de abrir a porta, me olhou um pouco mais sério e girou o indicador, firmando o recado sem palavra, mas com vento.

Por último, encontrei Fábio no fim da praia do Leblon, em uma praça com disputados aparelhos de musculação, precisamente “num banco com a mais bonita vista”, segundo ele. Escutei sobre ser filho e irmão adotivo, falamos sobre ser irmãos com sobrenomes diferentes, sobre diferentes negações de paternidade. Ao balançarmos o lençol, brinquei com seu sobrenome derivado de vento e peripécia, *ventura*. Apontando as cores, ele me lembrou que lençol também é mar.

Na quinta-feira, 08 de dezembro de 2016, abri o lençol no meio da Lapa junto com Flávia, minha amiga, que, de olhos fechados, sacudiu ele comigo por ininterruptos 24 minutos. “Viva vocês! Vai, Fábio! Fica, Elilson”, ela gritou algumas vezes. Toda a força do corpo empenhada em transformar cor e tecido em matéria vento me esgotou as palavras, provavelmente porque eu não tinha certeza sobre os sentidos de ir e ficar. No primeiro minuto dos meus 25 anos, minha amiga ajustou o chapéu de aniversário amarelo que havia colocado na minha cabeça e debruçou o lençol como manto em meus ombros. Assim segui perambulando pela noite, movido por alegria vibracional.

Arremate-prefação

Este texto, que teve como primeiro leitor um artista chamado Fábio, foi parcialmente escrito numa biblioteca cujo armário aleatoriamente me emprestado foi o de número 24. Ao sair, me locomovi num carro dirigido por um Fábio. Um dos significados da palavra dramaturgia é geografia tramada pelas ruas e pela **ciência de si**, que aprendemos a chamar *intuição*.

Neste instante, paramos, você, eu, todas, todos e todes que nos acompanham no topo de um mirante. Carros, caminhantes e pássaros se aglutinam para ver os detalhes de tecidos imensos estampados com os números 24, 41 e 108 que, em assunção, cobrem todos os arranha-céus. Reclinamos um pouco mais nossas nuças e percebemos que o mais luminoso sol revela vários corpos, de muitas as nações, também imensos, insurgindo firmes e imperecíveis como projeções acima de todas as cidades. Dentre nós, aquelas e aqueles que identificam alguns desses rostos-multidões, sabendo que a maioria absoluta de seus anônimos e impunes assassinos caminham tranquilamente entre nós, não titubeamos em acenar com todo o volume da voz os seus nomes: Fabio, Dandara, Rafael, João Antônio, Alex, Adriano, Laura, Demétrio, Matheusa, Dayane, Lindolfo, Kalyndra, Lucas, Diego, José, Luana, Marielle, David, Marco, Robson, Kaique, Nataly, Luís, Geia, Piu, Samuel, ...vírgulas, vírgulas, ad infinitum.

Por elas, por eles, gostaria que, agora, sacudíssimos nossos lençóis, transformando cor e tecido em matéria vento para afirmá-los vi-vas, vi-ves, vi-vos!

















Fotos: Caio Yumi